

# Centro Tecnológico de Artes Gráficas

As infraestruturas de dinamização e apoio à modernização industrial podem ser encaradas sob duas perspectivas diferentes: uma sectorial e outra multi-sectorial. As infraestruturas tecnológicas vocacionadas para um dado sector industrial apoiam directamente as empresas desse sector, enquanto as infraestruturas multi-sectoriais abrem o âmbito de actividades a tecnologias de aplicação a empresas em múltiplos sectores.

Em Portugal institucionalizaram-se os **Centros Tecnológicos** como infraestruturas de apoio técnico e tecnológico por sector industrial. As suas funções são exercidas através de instalações específicas, com vista a dinamizar o desenvolvimento tecnológico inerente às empresas do sector, principalmente no que respeita às pequenas e médias empresas. São objectivos comuns a consultoria técnica sobre novas tecnologias, normas e especificações técnicas, documentação e informação tecnológica, formação profissional e relacionamentos nacionais ou internacionais no âmbito de congressos ou redes de instituições afins.

Ora acontece que o sector das **Artes Gráficas**, constituído por um vasto conjunto de pequenas e médias empresas espalhadas por todo o território nacional, apresenta um índice de obsolescência impressionante. São muitos os trabalhadores que vivem da produção gráfica, quanto a impressão de texto ou de imagens sob diversas formas de produtos, desde os livros, revistas, jornais, panfletos, desdobráveis ou cartazes, até inúmeros serviços para as funções comerciais (publicidade, marketing, vendas, etc.). Vê-se bem que as artes gráficas representam

um sector eminentemente tradicional. É este aspecto que lhe concede importância fundamental nos esforços de modernização da Indústria em geral. O parque gráfico de pequenas e médias empresas precisa de ser substituído, em especial devido à evolução das tecnologias de pré-impressão, mas também no que se refere aos equipamentos de impressão. Indissolúveis a esta mutação tecnológica residem dois problemas essenciais: escolha dos meios de produção e formação do pessoal. O fim em vista será a melhor qualidade e a máxima produtividade da produção gráfica.

A entrada em vigor do Mercado Único Europeu, em 1992, dará nova dimensão às actividades na área das artes gráficas. Este sector industrial será solicitado pelos efeitos da concorrência livre num mercado global acima de 300 milhões de consumidores. De facto, para além das solicitações nacionais, certamente mais exigentes e mais frequentes que agora, abre-se ainda um interessante mercado além-fronteiras. Para aproveitar todas estas possibilidades os empresários de artes gráficas, sobretudo os que operam cooperativamente em variadas pequenas e médias empresas (composição, fotomontagem, selecção de cores, impressão), devem reunir esforços para definir uma infraestrutura de apoio técnico e tecnológico que lhes permita actualizar permanentemente as actividades industriais. O Ministério da Indústria e Energia está a lançar o Programa Específico de Desenvolvimento da Indústria Portuguesa, conhecido pela sigla PEDIP. Nele se inclui o financiamento à implantação de infraestruturas tecnológicas. Entre estas destacam-se, pelo

seu significado sectorial, os Centros Tecnológicos. Será, pois, possível criar um **Centro Tecnológico de Artes Gráficas**.

Para isso torna-se indispensável satisfazer algumas condições básicas. A primeira, e mais expressiva, corresponde à vontade dos empresários do sector, nomeadamente as respectivas associações empresariais (entre as quais se conta a AIND - Associação da Imprensa Não-Diária), no estabelecimento concreto da infraestrutura. Esta intenção realiza-se pela participação maioritariamente privada no capital social do Centro Tecnológico (pelo menos 65%) e na gestão da associação. Mas outra característica resulta fundamental: a participação de um ou mais organismos estatais, que garantam o interesse público do Centro, isto é, de modo a transparecer a sua utilidade para todas as empresas do sector. Nesta componente vocaciona-se o LNETI, além das Universidades com Licenciaturas de Comunicação Social ou de Informática.

É minha convicção que um Centro Tecnológico de Artes Gráficas será um investimento proveitoso dos dinheiros comunitários, tanto para a desejada modernização industrial como para as melhores relações com a comunidade europeia. Pelo menos seria um magnífico instrumento para a actividade editorial aqui desenvolvida. Por isso, estou motivado a incentivar a concretização da ideia, num plano alargado de actuação associativa. Sei que não estou só. Mas é preciso criar uma massa crítica que torne o projecto viável. Será esta mais uma ideia a inserir no rol das utopias?

H. D.-R.